

A CLÁUSULA DO FILIOQUE NO PENSAMENTO DE JÜRGEN MOLTSMANN

The Filioque's clause in the thought of Jürgen Moltmann

*Fabrizio Veliz**

Resumo:

O intuito deste artigo é mostrar a posição de Jürgen Moltmann a respeito da cláusula do Filioque. Para tal, abordamos um pequeno histórico a respeito da temática no intuito de localizar nosso teólogo na discussão e apresentamos as principais características de sua proposta. Foi possível perceber a preocupação ecumênica de Moltmann em sua tentativa de redizer a processão do Espírito abordando as ênfases do Ocidente e do Oriente. Tal atitude, a nosso ver, revela uma teologia disposta a escutar posições diferentes na tentativa de propor o entendimento que visa à comunhão, sendo, portanto, de grande valia no cenário mundial atual.

Palavras-chave: Filioque; Jürgen Moltmann; Ecumenismo

Abstract:

This article aims to show Jürgen Moltmann's position about the Filioque clause. To do so, we have shown the background of this theme and have presented Moltmann's main proposals about it. By doing that, it was possible to realize Moltmann's ecumenical concern when he re-says Spirit's procession combining Western and Eastern points of view. This attitude, in our perspective, reveals a theology which it is at disposal to listen to different positions and, at the same time, to propose the understanding that can promote communion. This, through our perspective must, be considered as a great value to our current scenario.

Keywords: Filioque; Jürgen Moltmann; Ecumenism.

* Doutorado em Teologia (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia e Katholieke Universiteit Leuven). fveliz@gmail.com

Introdução¹

Toda pessoa que deseja estudar teologia cristã em algum momento se deparará com a questão do Espírito Santo e, conseqüentemente, esbarrar-se-á com a antiga discussão acerca da processão desse Espírito. Afinal, ele procede do Pai, do Filho, do Pai e do Filho ou do Pai do Filho, ou ainda, de nenhum desses?

Embora possa soar um tanto quanto deslocada, essa temática tem um valor muito grande para se pensar a questão do diálogo inter-religioso na atualidade. Afinal, dependendo de quem o Espírito procede, corre-se o risco de criar certa hierarquia na Trindade, como se esse Espírito fosse um terceiro dentro da *perhicoresese* divina, subordinado ao Filho, o que fomenta a ideia de um diálogo inter-religioso centrado em suas perspectivas cristológicas e que se esquece do papel pneumatológico.

Ao mesmo tempo, considerá-lo como autônomo compromete totalmente o esquema trinitário e a própria fé cristã, o que também traria grandes problemas para o diálogo inter-religioso, visto atacar o cerne da identidade cristã que é a Trindade enquanto comunhão das três pessoas.

Assim, não é de se espantar que uma das questões presentes quando falamos a respeito do diálogo inter-religioso por meio da pneumatologia é a cláusula do *Filioque*. Esse tema, grandemente debatido e com diversas literaturas a seu respeito, ainda é discutido e sempre volta à tona quando se quer falar sobre algum tema pneumatológico. Com isso em mente, consideramos necessário recobrar brevemente essa história, a fim de podermos situar o pensamento de Moltmann a respeito dessa temática.

Pode parecer até mesmo sem sentido para os cristãos de hoje que uma palavra possa ter causado tantos problemas e ainda permanece como ponto de separação dogmática entre católicos e ortodoxos em nossos dias. Contudo, se

¹ Este artigo é fruto da tese de doutorado VELIQ, Fabrício. A pneumatologia hermenêutica de Jürgen Moltmann como contribuição para o diálogo inter-religioso. 2008. 350 f. (Doutorado em Teologia) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia e Katholieke Universiteit Leuven, Belo Horizonte, 2018.

olharmos mais de perto não se trata somente de uma palavra, mas também diz respeito a uma questão de verdade de fé, o que, em meio teológico ainda é muito importante².

Não podemos nos esquecer de que tratar a questão do *Filioque*, propondo novas maneiras de resolver essa questão é também uma preocupação do diálogo ecumênico e, portanto, não pode ser desconsiderada por nenhum teólogo que, a partir do Espírito quer dizer qualquer coisa dentro de uma teologia cristã.

Pequeno histórico do tema

Desde muito tempo, a questão a respeito da verdade da doutrina do *Filioque* e a licença de interpolação por parte do Bispo de Roma no credo são problemas conhecidos ao tratar dessa temática.

Enquanto o Ocidente, no princípio, não considerou a cláusula do *Filioque* como uma adição ao credo, antes uma clarificação acerca da doutrina que era permitido ao Bispo de Roma, o Oriente não viu da mesma forma, considerando essa adição uma heresia. Para os gregos, a questão do *Filioque* traz tanto um problema teológico quanto um problema eclesiológico.

Não devemos esquecer que há também uma questão de poder envolvida nessa situação. Afinal, se o Bispo de Roma fizesse com que a cláusula do *Filioque* fosse aceita por todos os cristãos ficaria claramente definido quem era o líder deles nesse período³. Sciecienski aponta para a grande diferença de perspectiva que há na filosofia latina e na filosofia grega, o que sem dúvida, influencia na questão a respeito do *Filioque*. Enquanto a filosofia latina parte da natureza comum para depois definir acerca das pessoas, a filosofia grega parte das pessoas para depois definir a natureza.

² Cf. SIECIENSKI, *The Filioque: History of a Doctrinal Controversy*, p. viii. Para o que se segue, tomamos por base seu trabalho, p. 3-15. Ver também VISCHER, *The Spirit of Christ, the Spirit of God: Ecumenical Reflexions on the Filioque Controversy*, p. 3-18.

³ Cf. *Ibid.*, p. 5.

Nesse sentido, temos na questão do *Filioque* um problema de terminologia. Isso, sem dúvida gerou nas duas metades da cristandade desse período a ideia de que o outro lado seguia em direção contrária à verdadeira fé e, mais ainda, que “o outro destruiu a pureza da fé e recusou a aceitar o claro ensinamento dos padres sobre a processão do Espírito⁴”.

A primeira menção à questão do debate acerca da doutrina do *Filioque* ocorreu, de acordo com o estudo de Sciecienski, em 645/646, na carta enviada por Maximus para Marianus. Nela já temos uma visão do que será comum nas épocas seguintes que era retomar os escritos dos primeiros padres a fim de dar suporte às considerações acerca da doutrina crida.

Com os debates se acirrando a partir do século IX, cada lado começou a usar os argumentos bíblicos e os textos dos padres na tentativa de justificar suas posições. Contudo, “enquanto os dois lados poderiam concordar que os escritos desses padres eram o critério *sine qua non* para determinar a fé ortodoxa, havia vários problemas metodológicos em utilizar as testemunhas patrísticas dessa maneira⁵”.

Isso se devia, como nos aponto Sciecienski, ao fato de que o conhecimento mútuo acerca dos escritos de ambos os lados era, em geral, bastante incipiente. Do lado do Ocidente, Agostinho era o mais utilizado para essa questão visto ter trabalhado essa temática em seus escritos, enquanto que do lado bizantino, eram os autores gregos como Atanásio que eram usados para sustentar a posição do Oriente.

Da mesma forma que havia a ignorância dos teólogos do Oriente acerca dos escritos latinos, também, por parte da igreja do Ocidente, os textos lidos eram traduções dos textos originais gregos, e não os originais. Esse problema de ecumenicidade no que tange aos textos originais não é algo que somente aconteceu com a questão do *Filioque*. Basta lembramos das questões cristológicas do século IV e V em que termos como *prósopon*, *hypostasis* e *ousia*

⁴ Ibid., p. 6.

⁵ Ibid., p.7.

não possuíam o mesmo significado quando se fazia a tradução do grego para o latim.

Com relação à doutrina do Espírito, o termo latino *procedere* não tem o mesmo significado do verbo *ekporeuestai* do grego. Sciecienski também chama nossa atenção para a questão da autenticidade dos textos usados nos debates que, em grande parte, eram textos alterados tanto pelos orientais quanto pelos ocidentais durante muitos séculos.

Outro ponto levantado é a questão da hermenêutica do texto. Ler um texto fora do seu contexto é, sem dúvida, um caminho grande para o erro. Foi isso que, durante muitos séculos, também aconteceu com a questão do *Filioque* na igreja cristã. Felizmente, a partir do século XX, estudiosos católicos e ortodoxos começaram a estudar as fontes de maneira a haver um verdadeiro diálogo a respeito dessa temática e da hermenêutica dos termos em seu contexto por parte dos autores.

Embora o debate tenha começado somente em 645/646 como citamos acima, a menção acerca da processão do Espírito pelo Pai e pelo Filho no lado latino já se encontra nos Escritos de Agostinho em *De Trinitate*.

No lado grego, a primeira resposta teológica à questão do *Filioque* só veio no século IX com Fócio e Nicetas, o que sem dúvida, os colocaram em desvantagem quando se começou o debate com o lado latino⁶.

Uma consideração é importante aqui acerca da afirmação de Sciecienski. A teologia oriental nunca teve como escopo ser uma teologia de caráter sistemático. Ela é marcada muito mais por uma espiritualidade e por uma vivência de acordo com aquilo que é revelado nas Escrituras, por meio do Espírito. Nesse sentido, é compreensível que não se tenha feito nenhum tratado sistemático acerca dessa questão ao longo do período em que os latinos, sempre preocupados com as sistematizações, realizavam seus sistemas e seus compêndios teológicos.

⁶ Ibid., p. 10.

Concordamos com Sciecienski quando afirma que se buscarmos ao longo da teologia bizantina dos primeiros séculos da disputa acerca do *Filioque* uma teologia da processão própria não a encontramos uma vez que toda essa teologia não passa de uma resposta dada às questões do Ocidente. Isso só será desenvolvido pela teologia Ortodoxa em meados do século XII⁷.

A teologia da Reforma, que surge no século XVI, também não foi muito crítica com relação à questão da doutrina do *Filioque*, sendo até mesmo aceita por grande parte dos teólogos reformados⁸.

Somente no final do século XIX é que se começa uma nova era de diálogos entre Ocidentais e Orientais⁹. Em meados do século XX, quando o movimento ecumênico começa a tomar mais forma e ter mais força dentro da Igreja, também cresce o interesse para a questão da teologia da processão, bem como se renova o interesse nos escritos de Máximo Confessor.

Sciecienski chama a atenção para uma nova postura no diálogo que começa a partir do movimento ecumênico. Trata-se de uma postura de diálogo em amor, visando cada qual a fala da verdade em amor, mesmo que as diferenças acerca da doutrina do *Filioque* ainda não tenham sido resolvidas. Para Sciecienski, o trabalho dos teólogos históricos foi de grande valia para que o diálogo se tornasse mais bem sucedido. Entender a história da questão, sem dúvida, contribui muito para que os erros cometidos no passado não aconteçam novamente. Nesse sentido, o estudo da história desse conceito se mostrou e tem-se mostrado extremamente profícuo nessa temática¹⁰.

A posição de Moltmann a respeito do *Filioque*

A posição de Moltmann a respeito da cláusula do *Filioque* é tratada no livro organizado por Lukas Vischer, em 1981¹¹. Nessa sua contribuição à

⁷ Ibid., p. 10-11.

⁸ VISCHER, *The Spirit of Christ, the Spirit of God*, p. 6.

⁹ SIECIENSKI, *The Filioque: History of a Doctrinal Controversy*, p. 13..

¹⁰ Ibid., p. 13.

¹¹ Cf. MOLTSMANN, *Theological Proposals towards the Resolution of the Filioque Controversy*. In: *Spirit of God, Spirit of Christ*, p. 164-173. Para o que segue, seguimos as considerações abordadas nessa

questão, Moltmann admite que o intuito da adição da cláusula do *Filioque* era para tornar a afirmação trinitária mais precisa no próprio Credo e, assim, Moltmann se mostra preocupado em trazer uma fórmula interpretativa, sem uma tentativa de correção unilateral do credo.

Moltmann acredita que com a retirada da cláusula do *Filioque*, a controvérsia eclesial pode ser finalizada, ao mesmo tempo em que uma inquirição à doutrina da Trindade também se abra. Na verdade, uma ação implica a outra no pensamento dele. Segundo nosso teólogo, o credo não diz nada a respeito da participação do Filho na processão do Espírito do Pai, bem como nada a respeito da relação do Filho com o Espírito, o que pode ser consequência da luta contra os pneumatômacos que, como vimos, acreditavam que o Espírito era o filho do Filho.

Para Moltmann, como a preocupação era somente falar a respeito da divindade do Espírito, os primeiros padres não devem ser considerados contra essa participação do Filho na processão do Espírito pelo Pai.

Em sua contribuição ao tema, chama a atenção de que nem em Constantinopla em 381, nem nos concílios posteriores essa questão da relação do Filho e do Espírito tenha sido abordada, mesmo que ambos os lados concordassem que se deveria ter uma afirmação mais clara a respeito do tema.

Para Moltmann, antes de tratar a questão do *Filioque* em busca de uma resposta comum, é necessário clarificar a premissa acerca da relação da Trindade na economia da salvação. Para ele, a diferenciação entre Trindade imanente e Trindade econômica soa como imprecisa, parecendo que se trata de duas trindades. Só podemos falar de uma Trindade e sua respectiva economia da salvação¹².

Se isso é verdade, então na economia da salvação a Trindade aparece como ela mesma, o que significa que a relação entre o Filho e o Espírito não

contribuição. A mesma posição é percebida também em MOLTSMANN, *A plenitude dos dons do Espírito e sua identidade cristã*, p. 50-51.

¹² Percebemos que Moltmann adota a mesma abordagem utilizada em seu livro *Trindade e Reino de Deus* que havia sido publicado um ano antes da publicação dessa sua contribuição.

pode ser restrita a um aspecto temporal do envio do Espírito por meio de Cristo, antes, deve haver uma base intratrinitária para o envio temporal do Espírito por meio de Cristo. Com isso, no pensamento moltmanniano, salvaguardamos a fidelidade de Deus consigo mesmo.

Para Moltmann, ancorado em João 15:26, o Espírito procede do Pai. Dessa forma, a interpretação de que o Espírito procede do Pai somente¹³ é correta. Contudo esse “somente” deve ser entendido, no pensamento de Moltmann, como que em referência à processão do Espírito e sua existência enquanto *hypostasis*, e não em sua forma pessoal na relação com o Pai e o Filho. Aqui, o Pai é visto como causa e fonte da Divindade. Com isso, Moltmann quer deixar claro que o Espírito recebe sua divina existência somente da fonte da Divindade que é o Pai.

Para Moltmann, essa processão pelo Pai nunca foi objeto de dúvida no Ocidente e com o *Filioque* não queriam fazer com que o Filho competisse com o Pai na processão do Espírito. Também não foi contra a monarquia do Pai que se colocou a cláusula do *Filioque*.

Para ele, essa fórmula também tinha em vista a luta contra o subordinacionismo na doutrina trinitária e de uma dissolução subordinacionista da Trindade na economia da salvação. Que o Pai seja a “primeira pessoa” da Trindade, isso nunca foi um tema de discussão entre Ocidente e Oriente. Por esse motivo, segundo Moltmann, a fórmula do credo sem o *Filioque* deve ser aceita pelo Ocidente.

No pensamento moltmanniano, o Pai só é Pai em relação ao Filho, de maneira que não podemos pensar em Deus como um “Pai Universal” como diversos outros deuses como Zeus, Vishnu etc, mas somente por causa de sua geração do Filho. Ele é o Pai de Jesus Cristo e é esse fato que o define como Pai.

¹³ STANILOAE, The Procession of the Holy Spirit from the Father and his Relation to the Son, as the Basis of our Deification and Adoption, p. 174-186.

Dessa forma, Moltmann propõe que se fale a respeito do “Pai do Filho”.

“O Pai é na eternidade somente o Pai do Filho. Ele não é o Pai do Espírito. A processão do Espírito a partir do Pai, portanto, pressupõe a eterna geração do Filho pelo Pai, pois é somente nisso que o Pai é e é mostrado como o Pai. Tal como “Filho” é uma categoria teológica e não cosmológica, como se tornou claro na controvérsia ariana, também é “Pai” uma categoria teológica, não cosmológica ou até mesmo político/religiosa. A doutrina da Trindade torna isso inerroneamente claro¹⁴.

O Espírito procede do Pai do Filho. Moltmann vê que essa fórmula pressupõe tanto a geração do Filho, como sua existência, bem como a mútua relação entre o Pai e o Filho. O Filho é então uma pressuposição lógica e pré-condição material para a processão do Espírito a partir do Pai, não sendo, segundo Moltmann, uma fonte adicional de processão. Processão do Espírito e geração do Filho são coisas distintas, mesmo que estejam intimamente relacionadas.

Assim, no pensamento de Moltmann, se o Espírito procede do Pai não somente por ele ser a fonte da Divindade, mas devido ao fato de ser o Pai do Filho, então ele deriva também dessa paternidade do Pai, ou seja, da relação do Pai e do Filho. Com isso, o Espírito procede do Pai na eterna presença do Filho e, com isso, o Filho não também não se torna estranha nessa processão¹⁵.

Essa mesma argumentação será mantida dez anos depois em seu livro sobre pneumatologia. Nas palavras de Moltmann:

¹⁴ MOLTSMANN, Theological Proposals towards the Resolution of the Filioque Controversy, p. 167.

¹⁵ MOLTSMANN, nessa análise, se baseia no trabalho de Bolotov Thesen über das Filioque. Vo einem russischen Theologen, *Revue Internationale de Theologie*, n.24, 1898. Infelizmente não conseguimos localizar esse texto durante nossa pesquisa.

“Se o Espírito procede do Pai, então este proceder pressupõe o Filho, pois o Pai só é Pai em relação a seu Filho. Se o Filho é gerado do Pai, então o Espírito acompanha a geração do Filho e se manifesta através dele. Mas isto só pode ser imaginado se o Espírito não apenas repousa sobre o Filho e não apenas se manifesta em sua eterna geração, mas se já a geração do Filho a partir do Pai é acompanhada pelo proceder do Espírito a partir do Pai. O Espírito não pode ser imaginado sem o Filho, o Filho não pode ser imaginado sem o Espírito¹⁶.”

Moltmann, dessa forma, considera a cláusula do *Filioque* supérflua pelos seguintes motivos¹⁷: em primeiro lugar, ao se dizer que o Espírito procede do Pai, está dizendo que ele procede do Pai do Filho, uma vez que a primeira Pessoa da Trindade só pode ser chamada de Pai com relação ao Filho. Como consequência disso, o Espírito procede da paternidade do Pai, uma vez que procede do Pai do Filho. Se pensarmos dessa forma, então perceberemos que há uma participação do Filho na processão do Espírito. Para Moltmann, o Filho acompanha a processão do Espírito do Pai. Dessa forma, a processão do Espírito pressupõe a existência do Pai e do Filho, bem como suas relações mútuas.

“O Espírito, em seu existir hipostático, está marcado pelo Pai e pelo Filho: do Pai, como origem da divindade, ele recebe sua divindade hipostática, do Filho e do Pai e de suas relações mútuas ele recebe sua figura intratrinitária¹⁸”.

Para Moltmann, o acréscimo da cláusula do *Filioque* coloca o Espírito como subordinado ao Filho¹⁹ e isso é prejudicial para o desenvolvimento de uma pneumatologia trinitária. Segundo ele, “pela estrutura trinitária, a pneumatologia cristológica é estabelecida como a única forma de pneumatologia²⁰”. Isso também pode ser percebido quando diz que “só uma

¹⁶ MOLTSMANN, *O Espírito da Vida*, p. 77

¹⁷ *Ibid.*, p. 284.

¹⁸ *Ibid.*, p. 284.

¹⁹ Também Vischer, na obra supracitada, levanta essa questão que é seguida por Moltmann.

²⁰ MOLTSMANN, *O Espírito da Vida*, p. 76.

pneumatologia aberta num leque trinitário permite-nos perceber toda a riqueza das forças do Espírito e nos preserva de sermos desalojados²¹”.

Assim, devemos ver o Espírito como aquele que procede do Pai, determina o Filho que repousa sobre o Espírito e irradia através desse mesmo Espírito. Dessa forma, o Filho é marcado pelo Espírito. Para Moltmann falar em uma pós-ordenação de um em relação ao outro não faz sentido quando consideramos as relações do Filho e do Espírito Santo em seu viés trinitário. Se assumirmos isso no fazer teológico, então ao falarmos da eterna geração do Filho, estaremos falando dessa em relação ao Pai.

Para falar a respeito da relação do Filho com o Espírito, Moltmann parte da sentença adotada pelo Oriente de que o Espírito Santo procede do Pai e recebe do Filho²². Em seu pensamento,

“O Espírito Santo recebe do Pai sua própria existência divina, e obtém do Filho sua forma relacional. Assim como a processão da divina existência do Espírito deve ser atribuída ao Pai, então também devemos reconhecer que sua forma, sua “face”, é estampada pelo Pai e pelo Filho. esse é o porquê de ele também ser chamado “o espírito do Filho²³”.

Da mesma forma, estaremos falando do Filho quando pensarmos no Espírito que procede do Pai, de maneira que não se trata de dois atos distintos, mas antes uma coisa só, uma vez que o Filho está no Espírito e o Espírito está no Filho.

Se a cláusula do *Filioque* permanece, segundo Moltmann, isso conduz o Espírito ao terceiro lugar da Trindade, uma vez que fica claro que ele só pode aparecer como pós-ordenado ao Filho na economia da salvação. Se isso acontece, para nosso teólogo, as relações de reciprocidade ficam comprometidas.

²¹ MOLTSMANN, *A plenitude dos dons do Espírito e sua identidade cristã*, p. 51.

²² SPANNEUT, *Os Padres da Igreja*, p. 257.

²³ MOLTSMANN, *Theological Proposals towards the Resolution of the Filioque Controversy*, p. 167..

Vale lembrar que no Novo Testamento não existe qualquer tipo de relação de subordinação do Espírito em relação ao Filho, antes relações de pura reciprocidade. O Filho nasce do Espírito, age no Espírito, é ressuscitado pelo Espírito e distribui o Espírito.

Moltmann concorda com a ideia ortodoxa do “acompanhar” da geração do Filho pelo Espírito e do proceder do Espírito através do Filho. Com isso, as metáforas de hálito e palavra se mostram bastante úteis. O Pai profere a Palavra por meio do seu Hálito. Assim, o Pai é aquele que fala, a palavra proferida é o Filho e o hálito na qual a palavra é dita é o Espírito Santo e todos eles procedem do Pai.

Esse acompanhamento do Espírito também pode ser chamado de manifestação do Espírito pelo Filho²⁴. Dessa forma, a geração do Filho se mostra intensamente acompanhada pela procedência do Pai e pode se dizer que “O Filho é gerado pelo Pai através do Espírito”^{25 26}. Com isso, para Moltmann, é possível dizer que desde a eternidade o Filho e o Espírito estão unidos entre si, de maneira que se pensar um Filho sem o Espírito não faz o menor sentido. Como consequência, o Espírito que procede do Pai repousa no Filho. Para Moltmann, o Filho é o receptor do Espírito e também o seu lugar de repouso. “O Filho é gerado pelo Pai como morada do Espírito, e o Espírito procede do Pai para habitar eternamente no Filho²⁷”.

²⁴ Remetemos aqui ao capítulo de STANILOAE, *The Basis of four Deification and Adoption*, p. 182-184, em que mostra como essa temática foi trazida por Gregório de Chipre e João Damasceno nas relações da Trindade. Moltmann também segue as ideias contidas no trabalho de Staniloae.

²⁵ MOLTSMANN, *O Espírito da Vida*, p. 285.

²⁶ Digno de nota é o pensamento de Evdokimov, teólogo oriental russo, que ressalta que “É impossível conceber a Hipóstase sem as outras e é esta verdade que o *Filioque* latino e o *per Filium* oriental exprimem, cada um à sua maneira, ao ponto que podemos dizer que o ser das Hipóstases reveladoras depende do Pai, mas também da outra Hipóstase coreveladora. O Filho na sua geração recebe do Pai o Espírito que repousa sobre ele numa coexistência inseparável e é nesse sentido que se pode dizer *ex Patre Spirituque*. Da mesma forma, o Espírito procede do Pai indo sobre o Filho e é o *Filioque* no mesmo sentido. O que não se refere apenas à relação de origem, mas ele intervém em todas as situações nas quais se deve exprimir a definição trinitária de cada Hipóstase”. EVDOKIMOV, *O Espírito Santo na Tradição Ortodoxa*, p. 75.

²⁷ *Ibid.*, p. 285.

Disso também resulta que esse mesmo Espírito que repousa e inabita no Filho, também irradia do Filho e através do Filho. Nas palavras de Moltmann:

“Ele irradia sua luz do Filho para as relações mútuas entre o Pai e o Filho e traz o eterno ser de Deus e para o eterno amor de Deus a eterna luz de Deus. Esta luz eterna traz a eterna alegria ao ser e ao amor de Deus. Esta é a transfiguração intratrinitária, que parte do Espírito. A glória de Deus também é uma energia intratrinitária, não apenas uma energia voltada para fora. Ela ilumina a eterna essência de Deus com a eterna luz de Deus. Mas o Espírito, então irradia também através do Filho, sobre quem ele repousa, a saber, na revelação, fazendo dos que recebem “filhos da luz” (ef 5,8s).”²⁸

Para nosso teólogo, as ideias do acompanhar o Filho, repousar no Filho e o irradiar do Espírito a partir do Filho são mais condizentes com a história trazida pelos Evangelhos do que aquilo que é trazido com a cláusula do *Filioque*. Para Moltmann, torna-se importante fazer a diferenciação entre a geração do Filho e a processão do Espírito ao falar a respeito da Trindade. Se as duas categorias forem consideradas como processão e se falarem de duas processões, há um grande perigo de abstrações. Em seu pensamento, a particularidade da relação do Filho com o Pai e com o Pai com Espírito é negligenciado o que facilmente é trazida a ideia do Espírito como um segundo Filho ou o Filho como um outro Espírito²⁹.

Moltmann quer, com isso, ressaltar a distinção da processão do Espírito a partir do Pai de seu recebimento da forma intratrinitária a partir do Pai e do Filho e, segundo ele, o *Filioque* torna isso de maneira turva, uma vez que dá a ideia de que o Espírito possui duas formas de existência.

Com tudo isso em mente, Moltmann então propõe que se interprete da seguinte maneira o texto do Credo: “O Espírito Santo, que procede do Pai do Filho, e recebe sua forma do Pai e do Filho³⁰”.

²⁸ Ibid., p. 285.

²⁹ MOLTSMANN, *Theological Proposals towards the Resolution of the Filioque Controversy*, p. 171.

³⁰ Ibid., p. 171.

Claramente, as ideias de Moltmann a respeito da cláusula do *Filioque* têm suas bases na teologia do Oriente. Dumitru Staniloae, autor de uma das obras usadas pelo próprio Moltmann em sua argumentação, considera que a ideia de Moltmann de que o Espírito recebe a existência do Pai e a imagem, ou caráter de pessoa do Filho é uma ideia difícil de entender, uma vez que, segundo Dumitru, separar o caráter pessoal da existência é algo que não podemos fazer.

Para Dumitru,

“O Espírito Santo é uma pessoa distinta dentro da Trindade santa não somente enquanto toma lugar na comunhão entre o Pai e o Filho, mas pelo fato que ele é ligado por um especial e íntimo relacionamento não somente com o Pai, mas também com o Filho. além disso, cada pessoa da Santa Trindade é uma pessoa não somente enquanto tem uma relação com o outro, mas enquanto ela tem uma diferente relação com cada um dos outros dois. O Espírito Santo não recebe seu caráter pessoal de sua “imagem (eidos) relacional” somente do Filho. Ele recebe do fato da sua processão do Pai, o que acompanha a geração do Filho pelo Pai, sendo assim colocado em relação com as outras duas pessoas divinas, isso quer dizer, dentro da comunhão trinitária.”³¹

Mesmo com essa observação, Dumitru considera que Moltmann dá um novo passo rumo à doutrina dos primeiros padres quando faz a distinção clara entre o Pai e o Filho e a relação com o Espírito. A nosso ver, isso ressalta o grande esforço de Moltmann em tentar fazer uma pneumatologia de caráter trinitário e ecumênico.

Conclusão

Neste artigo nosso intuito foi discorrer a respeito da perspectiva moltmanniana a respeito da cláusula do *Filioque*. Foi possível perceber o grande embate que essa temática suscitou nos primórdios do cristianismo, sendo até hoje, ainda que de maneira menos acentuada, motivo de diversos debates teológicos sobre a ecumenicidade. Apontamos também a importância da

³¹ STANILOAE, *The Procession of the Holy Spirit from the Father and his Relation to the Son, as the Basis of our Deification and Adoption*, p. 185.

temática para o diálogo inter-religioso atual, principalmente no que tange às questões de identidade cristã e manutenção da doutrina.

Como observamos Moltmann não esteve alheio a esta questão em sua pneumatologia. Muito pelo contrário, propõe também uma nova fórmula para se colocar a íntima relação existente entre Pai, Filho e Espírito como foi possível mostrar neste artigo.

Diante de tudo isso, consideramos a reflexão moltmanniana salutar para o fomento de um diálogo ecumênico e inter-religioso profícuo na atualidade, visto que sua proposta ao mesmo tempo em que mantém firme a identidade cristã da fé trinitária, também tenta redizer a fé de maneira que faça sentido a homens e mulheres de nosso tempo. A nosso ver, tal atitude abre espaço para novas perspectivas dialogais que visam a paz entre os cristãos e entre estes e outras religiões em um momento em que voltam a crescer os fundamentalismos religiosos que tanto mal já fizeram à história mundial.

Referências

EVDOKIMOV, Paul. *O Espírito Santo na Tradição Ortodoxa*. São Paulo: Ave Maria, 1996. 112 p.

MOLTMANN, Jürgen. A plenitude dos dons do Espírito e sua identidade cristã. *Concilium Brasil*, Petrópolis, n. 279, p. 46-52, 1999.

MOLTMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida: uma pneumatologia integral*. Rio de Janeiro: Vozes, 2010. 301 p.

MOLTMANN, Jürgen. Theological Proposals towards the Resolution of the Filioque Controversy. In: *Spirit of God, Spirit of Christ*, p. 164-173.

MOLTMANN, Jürgen. *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2011. 223 p.

SIECIENSKI, A. Edward. *The Filioque: History of a Doctrinal Controversy*. New York: Oxford, 2010. 355 p.

SPANNEUT, Michel. *Os Padres da Igreja. Séculos IV – VIII*. São Paulo: Loyola, 2002. 369 p. (v. 2)

STANILOAE, Dumitru. The Basis of our Deification and Adoption. In: *Spirit of God, Spirit of Christ: Ecumenical Reflections on the Filioque Controversy*. Ed. Lukas Fischer. n.103. London. WCC: 1981, p. 182-184

STANILOAE, Dumitru. The Procession of the Holy Spirit from the Father and His Relation to the Son, as the Basis of our Deification and Adoption. In: VISCHER, Lukas (Ed.) *Spirit of God, Spirit of Christ: Ecumenical Reflections on the Filioque Controversy*. London: WCC, 1981. p. 174-185.

VISCHER, Lukas (Ed.). The Filioque Clause in Ecumenical Perspective. In: _____. *Spirit of God, Spirit of Christ: Ecumenical Reflexions on the Filioque Controversy*. Geneva: World Council of Church, 1981. p. 3-18.